

DA EVIDÊNCIA CARTESIANA À INCERTEZA QUÂNTICA

Prof. Jansen Filho¹

A JORNADA CARTESIANA: DA DÚVIDA À CERTEZA



O método científico de Descartes é resultado de profundas reflexões feitas em viagens de campanha às varias regiões da Europa. Nestas viagens pôde entrar em contato com as mais diferentes opiniões e discernimentos filosóficos de uma grande variedade de autores. Porém considerou que nenhuma das obras eram suficientes na explanação da realidade que o cercava. Com isso, DESCARTES (1989, p. 58) resolveu ignorar todo conhecimento que adquirira para que assim pudesse construir seus conceitos em alicerces novos e seguros: "A respeito das opiniões que até então aceitara, o que melhor teria a fazer era, uma vez por todas, de as recusar, para as substituir em seguida por outras melhores, ou pelas mesmas quando as houvesse ajustado ao nível da razão. Acreditei firmemente que, deste modo, conduziria minha vida muito melhor do que se a construísse sobre velhos alicerces e me apoiasse apenas nos princípios pelos quais nos deixavam guiar na mocidade, sem nunca haver examinado se eram verdadeiros".

A dúvida de Descartes procede segundo as regras de seu método, daí o termo metódica para designá-la, ou seja, parte do princípio da evidência e distinção das coisas para daí então, examiná-las, ordená-las e enumerá-las. O que levou Descartes a conceber a dúvida foi seu extremo desejo de chegar às idéias claras e distintas. Resolveu dessa feita rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida.

Este estado de espírito representava para ele o ácido que dissolve os erros, por isso era necessário torná-lo forte o suficiente. Agindo assim, o filósofo queria achar algo, em todos os conhecimentos que tinha, que fosse inteiramente indubitável. Partiu então pela eliminação dos conhecimentos que se davam pela via dos sentidos, pois estes, algumas vezes, levavam o homem a se enganar, por isso não

¹ Professor de Filosofia e Coordenador da revista Paideia.

se pode dar crédito total a eles, como DESCARTES (1989, p.60) afirma: "Assim, em virtude de os nossos sentidos algumas vezes nos enganarem, quis supor que nada havia que fosse tal como eles nos levam a imaginar". Obcecado pela clareza e distinção, Descartes aboliu o conhecimento sensitivo como meio confiável de alcance da verdade por considerar que os sentidos são limitados e facilmente mudam de um homem para outro, sendo dessa forma imperfeito demais para ser levado em conta dentro de seu sistema metódico.

Em segundo lugar, DESCARTES (1989, p.61) questionou o conhecimento racional, e concluiu que este também não merecia fé, pois muitos se enganaram em assuntos simples de geometria, cometendo equívocos. "E porque há homens que se enganam quando raciocinam, até no que diz respeito aos mais simples assuntos de geometria, e aí comentem paralogismos, julgando que eu era tão sujeito a erros como qualquer outro, rejeitei como falsas todas as razões que anteriormente tomara como demonstrações".

Dessa forma, até as demonstrações matemáticas, que sempre foram consideradas modelo de segurança, caíram na incerteza. Pois o próprio filósofo admite que se outros erraram ele também, por sua vez, poderia enganar-se ao usar seu raciocínio. Finalmente, Descartes considera, fechando assim todas as vias de conhecimento, que os pensamentos que temos quando acordados não diferem daqueles que temos enquanto dormimos. Sem ter a certeza de quando ocorre uma e outra situação, Descartes resolveu considerar que todas as coisas que haviam penetrado em seu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de seus sonhos.

Nota-se aqui que Descartes está realmente disposto a suspender toda realidade que compõe sua existência, pondo em dúvida até mesmo sua consciência do mundo que o cerca. Sua história pessoal, suas atitudes, sua humanidade, em fim, tudo é suspeito de ser irreal.

A fecundidade da dúvida metódica consiste na busca pelo novo ao se suspender o valor de tudo o que foi adquirido. Aqui mora a raiz da nova posição epistemológica dada à pesquisa científica. Não basta saber que sabe, é preciso prioritariamente julgar o saber para se ter a certeza que este de fato tem correspondência com a realidade. Dessa forma a dúvida metódica é a dúvida que tem a si própria como objeto e que termina superando-se por exaustão interna. Quem não é capaz de duvidar a priori daquilo que sabe está condenado a repetir o que outros criaram e discerniram como nos diz REALE (1990, p. 234) "Não é possível desfrutar devidamente das implicações da dúvida se através de sua sombra não percebemos

uma luz que custa a emergir, mas que é preciso fazer brilhar para que o homem volte a pensar em plena liberdade.”

A dúvida aliada ao método direciona a intuição de Descartes à primeira certeza indubitável: o cogito. A partir daí os princípios da evidência, clareza e distinção deixam de ser uma aspiração cartesiana para ser uma realidade tão potente que nada mais será ciência sem antes possuir estes elementos.

Sua preocupação primeira não é retirar das coisas particulares um conhecimento completo e exaustivo como fazia a filosofia escolástica. Seu enfoque é sobre o conhecimento, pois somente depois de se ter segurança sobre o valor do conhecimento é que se pode secundariamente passar ao estudo das coisas particulares. E é o que ele faz.

O cogito representa uma espécie de iluminação diante da obscuridade deixada pela dúvida cartesiana. Surge de uma intuição repentina, como afirma o próprio DESCARTES (1990, p. 72) ao descrever sua descoberta: “Mas logo após percebi que, quando pensava que tudo era falso, necessário se tornava eu - que pensava - era alguma coisa...penso, logo existo.”

O cogito garante a verdade sobre a própria existência, a razão desta certeza consiste em que para pensar é preciso existir. Esta clara visão sobre a realidade pensante ajudou o filósofo a chegar a outras certezas existenciais. O processo de clareza e distinção adotado sobre si mesmo foi adotado também para as coisas que o cercavam, como DESCARTES (1990, p. 72) afirma: “E tendo notado que nada há neste penso, logo existo, que me assegure que digo a verdade, a não ser que vejo bem claramente que, para pensar, é necessário existir, julguei poder tomar como regra geral que as coisas que concebemos muito clara e muito distintamente são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em bem distinguir quais são aquelas que concebemos distintamente”.

É justamente a evidência exemplar do cogito que o torna totalmente irrefutável, e esta evidência resume-se na distinção e clareza da idéia, dessa forma pode-se concluir que todas as concepções claras e distintas são sempre verdadeiras.

Daqui para diante está provado, segundo Descartes, que basta pensar clara e distintamente para tomar contato com o real . Estão definitivamente lançadas as bases da nova ciência.

verdade é que os átomos apresentam uma realidade tão dual que sua definição cai num universo de pura probabilidade. Assim quanto mais se enfatiza uma descrição clássica de um determinado aspecto atômico, mais o outro se torna incerto, e a relação entre estes é determinada justamente pelo princípio de incerteza.

Se a física do século XX mostra que, pelo menos no campo das partículas subatômicas, a crença na certeza do conhecimento científico cartesiano é um engano, então estamos diante de um novo paradigma e um novo desafio à epistemologia. Afinal, é ou não é possível ter certeza de alguma verdade? A pergunta procede, pois sabemos que tudo aquilo que existe tem por base primária uma ordenação atômica. Se esta ordenação é regida pelo princípio da incerteza como pode o todo acabado ter princípios evidentes?

O impacto deste novo paradigma ainda estão sendo absorvidos pela ciência e tecnologias contemporâneas, pode-se apenas afirmar que este processo, uma vez iniciado, é irreversível e da mesma forma que Descartes não tinha idéia da influência que exerceria o cogito sobre a humanidade, também nós, hoje, talvez estejamos vendo o alvorecer de algo muito maior que jamais pudemos imaginar.

BIBLIOGRAFIA

CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação**. 14^a ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

DESCARTES, René. **As paixões da alma; meditações; objeções e respostas**. Col. Os pensadores. Trad. Bento Prado Junior, 5^a ed. São Paulo, Nova Cultural 1991.

DESCARTES, René. **Princípios de Filosofia**, 4^a ed. Trad. A. Alberto Ferreira, Lisboa: Guimarães Ed. , 1989.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. 6^a ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.